

quase uma recensão:

UM CERTO PUDOR
TARDIO: ENSAIO
SOBRE OS "POETAS
SEM QUALIDADES",
DE PEDRO EIRAS

Mathilde Ferreira Neves
Universidade do Porto

Polaróide de Mathilde Ferreira Neves

>>



Uma lontra apareceu hoje, cerca das 12:30, numa praia da Foz, no Porto, deslocou-se até uma esplanada próxima e regressou pouco depois ao seu meio natural.

Fonte da Polícia Marítima disse à Lusa que, apesar das tentativas, não foi possível apanhar o animal, 'aparentemente saudável', que acabou por conseguir fugir.

Ilda Martins, que testemunhou esta incursão da lontra marinha pelas praias do Porto, contou à Lusa que o mamífero 'saiu do mar, deslocou-se até à esplanada da Pizza Hut e sentou-se numa cadeira'.

Começo com uma notícia que surgiu no *Jornal de Notícias*, no passado dia 24 de Janeiro. Quando a li em voz alta ao meu companheiro, ele perguntou se era um poema e eu disse-lhe que não; era, efectivamente, uma notícia da Lusa que aparecia no jornal. Se começo com esta notícia, é para dar conta de um encontro insólito, que é como eu considero este encontro entre mim e o Pedro. — Em Agosto, o Pedro fez-me um pedido. Disse-me que tinha escrito um ensaio acerca dos “poetas sem qualidades”, um estudo sobre o profano, o secular, um certo desespero vigilante. E queria uma fotografia que dialogasse com este universo e esta leitura. Nas próprias palavras dele:

328>329

Procuro uma imagem impura. Procuro entre sarjetas, muros esfolados, ruínas, restos, lixo, lodo. *Perte d'auréole*, claro. Coisa urbana, decerto; ou suburbana. Uma imagem impura, quer dizer, uma imagem que deseje a impureza.

Decidi aceitar o desafio: lancei-me em busca dessa impureza. Tirei várias fotografias a várias coisas, incluindo a *graffiti*, que o interessaram. Ainda nas suas palavras:

O graffiti deu-me vontade de ver mais paredes de cidades. Ilegíveis. Mas estaladas, raspadas, esfoladas, comidas pelo sol. Com restos de cartazes, que alguém já arrancou. E restos de graffiti, a desfazerem-se. Uma letra ou outra ainda se reconhece. Paredes que foram usadas, e que ficaram gastas. Mas com uma densidade real, exposta, talvez arrogante.

Mais tarde, em mais uma troca de *e-mails*, o Pedro acrescentava:

Interessa-me, nas paredes, tanto a erosão das coisas (tinta estalada) quanto o uso das coisas (o próprio facto de as paredes terem sido pintadas, em tempos). Olha, vou insistir nisto: terás encontrado paredes com restos de cartazes arrancados? Seria um exemplo de uso.

Atirei-me, então, a paredes usadas por camadas de papel, desgastas desse anunciar coisas comuns e eruditas, eventos culturais e populares.

Além do uso e dos rasgos, chovia no dia em que tirei as fotografias, os cartazes descolavam-se, empolavam-se, havia marcas de água que esborratavam as cores e a luz púida tornava tudo mais maculado. As

fotografias eram grandes planos, detalhes, fragmentos, falhas. Estavam formadas as imagens impuras. O Pedro escolheu uma: a ponta de um cartaz descola-se desbotada, mostrando as camadas interiores, ruínas de outros anúncios (ruínas sobre ruínas); vêem-se ainda, por baixo da matéria do papel, as rugosidades da parede usada – no mesmo plano, o que se vê e o que é *inapercebido*. Há cinzento, branco, amarelo, verde e azul – azul que, ao contrário das outras cores (que perderam a viveza primitiva e se encontram esmorecidas, desmaiadas, pálidas), rebenta iluminado, quase revoltado, rasgando a imagem, numa espécie de subversão abandonada. O Pedro gostou do “rasgado” azul e eu achei bem.

Pode parecer estranho apresentar o livro pela capa, mas foi essa a minha tarefa: a capa, essa “imagem impura” ou “que deseja a impureza”. Não lanço, assim, mas transvio *Um Certo Pudor Tardio*. E *transviar* quer dizer: extraviar, desencaminhar, desviar do recto caminho. E é esse desvio, essa distância, esse outro ver que parece ser tratado neste livro sobre os “poetas sem qualidades”. Poetas que escrevem como quem desencaminha, e está desencaminhado, e se projecta, e se alimenta disso, e morre a cada passo para ressurgir do ou no vazio. Franjas reluzentes, margens luzidias, coisas pequenas mas enormemente pequenas, comoventes. De uma história maiúscula arruinada para uma história interior ferida. Uma poesia que quer ver a visão, escrever para radiografar e lucidamente chegar ao osso.

Segundo o poeticista Henri Meschonnic, existe apenas uma poesia – a que transforma a própria poesia, e apenas uma escrita – a que se torna forma de vida. Nas palavras de Meschonnic (em tradução caseira):

O poeta, mais e diferentemente de qualquer outro, tem o dever de lucidez. Esse exercício mínimo que pertence a todos e que é o dever do pensamento. A sua ética, a sua política. (...) Há uma crítica do olhar, uma inteligência do ver e do ver *através*, como quando se diz ler entre as linhas, do ver o que é o ver, que só a poesia pode fazer. (*La rime et la vie*, 2006)

Não se trata talvez de coincidir com o seu tempo, mas de resistir ao seu tempo, instaurando um outro tempo, tentando não perder a lucidez. Retomo, a propósito da lucidez, um episódio ocorrido entre Eça e Antero, referido por Sebastião Alba:

Conta o Eça de Queiroz, em *Notas contemporâneas*, que tendo entrado no quarto de Antero de Quental, em Coimbra, o viu

>>

dobrar cartas de amor em 2, em 4, em 8, e a cortá-las, pelos vincos, finalmente, com uma navalha. Eça observou-lhe 'Ó Antero, que ordem você tem na destruição!' A resposta de Antero, que era então muito jovem foi, segundo Eça de Queiroz, uma frase clássica: 'O ritmo é necessário mesmo no delírio'. (*Ventos da minha alma*, 2006)

O ensaísta é aquele que tenta seguir os vincos que a navalha corta. Não para sarar feridas, mas para mantê-las abertas, rasgadas. Ainda no mesmo livro, Alba escreve algo de uma lucidez atroz: "Toda a minha vida tem sido uma aprendizagem difícil, penosa, do quotidiano". Parece-me esta confissão adequada à poesia despida (delirante?) destes "poetas sem qualidades". No fundo, salve-se quem não puder; as naturezas mortas não estão mortas.

330>331

Termino a citar Maria Gabriela Llansol, uma autora particularmente estimada pelo Pedro: "Não há literatura. Quando se escreve só importa em que real se entra e se há técnica adequada para abrir caminho a outros" (*Um falcão no punho*, 1985). <<